

Caroline Pacievitch
Frederico Duarte Bartz
Fernanda Feltes
Gustavo Koszeniewski Rolim
(Orgs.)



PERSPECTIVAS MARXISTAS

Educação,
Capitalismo e
Luta de Classes



PERSPECTIVAS MARXISTAS

EDUCAÇÃO, CAPITALISMO E LUTA DE CLASSES

Organizadores

Caroline Pacievitch

Frederico Duarte Bartz

Fernanda Feltes

Gustavo Koszeniewski Rolim



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

PACIEVITCH, Caroline; BARTZ, Frederico Duarte; FELTES, Fernanda; ROLIM, Gustavo Koszeniewski (Orgs.)

Perspectivas Marxistas: Educação, Capitalismo e Luta de Classes [recurso eletrônico] / Caroline Pacievitch; Frederico Duarte Bartz; Fernanda Feltes; Gustavo Koszeniewski Rolim (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

455 p.

ISBN: 978-65-5917-543-7

DOI: 10.22350/9786559175437

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Capitalismo; 2. Luta de Classes; 3. História; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

8

ASSURGRS: MEMÓRIA COLETIVA E PATRIMÔNIO CULTURAL DA CLASSE TRABALHADORA

Sibila Francine Tengaten Binotto¹

INTRODUÇÃO

Um olhar sobre os Técnico-Administrativos em Educação, a memória das lutas, o presente, o passado, o patrimônio cultural, a classe trabalhadora numa narrativa de lutas e conquistas, que propicia ao indivíduo recordar e, ao mesmo tempo, reinventar o passado coletivamente. A identidade narrativa nas memórias de quem passou uma vida toda lutando para garantir direitos à classe trabalhadora, nessa linha Catroga afirma que: “O imaginário da memória liga os indivíduos, não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades, mas também a uma vivência horizontal e encadeada do tempo (subjetivo e social) [...]” (2001, p. 28).

De que forma os Técnico-Administrativos em Educação constituíam e ainda constituem sua memória coletiva, os locais, e as formas de fazer a luta, a prática sindical. O espaço de memória enfatiza a importância dessa dimensão geográfica para entender de que forma se constitui a memória coletiva desse grupo social, inscrita em um fragmento de espaço concreto. Neste sentido, as categorias de espaço de memória representam as diferentes formas de como essas experiências

¹ Bibliotecária-Documentalista da Faculdade de Educação da UFRGS; Especialista em Ciência da Informação, Mestranda do PPGMSBC da UniLaSalle.

coletivas e de classe se inscrevem nos espaços concretos. (SCIFONE, 2013).

Nesta continuação podemos adentrar no viver e fazer sindical enquanto patrimônio cultural imaterial, pois faz parte da cultura de um coletivo. São vivências passadas intergeracionais, produto do movimento sindical que por sua vez, se alimenta do “fazer a luta” como estratégia de sobrevivência atemporal.

Nesta perspectiva, os Técnico-Administrativos em Educação (TAEs) das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) ao longo dos anos vem se organizando para que as lutas por direitos sempre estejam presentes na trajetória da categoria. Para garantir que essa memória não se perca, e que essa memória de lutas, esses espaços de memória não se apaguem, o Sindicato dos TAEs da UFRGS, UFCSPA e IFRS – ASSUFRGS - criou um projeto que organiza, cataloga e disponibiliza essa memória intitulado Projeto Memória. Este projeto criou o Centro de Documentação e Memória (CEDEM) o qual faz toda a dinâmica da salvaguarda da memória da classe trabalhadora dos Técnico-Administrativos em Educação.

Este artigo abordará conceitos de Identidade, Memória Social e Patrimônio Cultural. O estudo se justifica pela memória associada ao patrimônio como uma questão imprescindível para a rememoração e perpetuação identitária de um determinado grupo social. É uma pesquisa documental, que utiliza análise de documentos constantes no acervo do CEDEM (boletins, atas, clippings, etc.). Propõe-se analisar os documentos com o objetivo de verificar a prática sindical e se ela apresenta descrição em algum documento. As considerações são preliminares.

CEDEM: ORGANIZANDO UM HISTÓRICO DE LUTAS E CONQUISTAS

O Centro de Documentação e Memória (CEDEM) integra o Sindicato dos Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura de Porto Alegre, Canoas, Osório, Tramandaí, Imbé, Rolante, Eldorado do Sul, Guaíba, Viamão e Alvorada (ASSUFRGS Sindicato). O CEDEM também faz parte do Projeto Memória ASSUFRGS: resgatando a história e a memória de uma categoria com uma longa trajetória de lutas. No intuito de localizar o espaço tempo, será abordado um pequeno histórico dessa trajetória.

De acordo com o site Memória Assufrgs², o primeiro indício que o sindicato se tornaria o que é hoje, essa organização da classe trabalhadora, iniciou em 1921 quando foi formada a Cooperativa da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Já em 1951, com a junção de diferentes Faculdades e a federalização, foi fundado o Centro dos Funcionários da URGs, que lutou pela incorporação dos funcionários ao serviço federal, o que foi conseguido em 1957, passando a fazer parte da Associação dos Funcionários Públicos. Em 1964, foi formada a ABSURGS, uma Associação Beneficente criada para congregar os trabalhadores da Universidade tanto do quadro de Professores quanto do de Técnico-Administrativos em Educação, já que na época em que foi instaurada a Ditadura Militar a sindicalização tornou-se proibida para servidores públicos. Em 1987 a associação ganhou caráter sindical. Já nos anos 1990 a entidade se tornaria parte do Sintest/RS. Nos últimos anos os servidores da UFCSPA foram incorporados, (antes possuíam sua própria associação, a AFFFESIMPA), e também recentemente o IFRS somente

² <http://memoria.assufrgs.org.br/>

alguns campi (Alvorada, Viamão, Restinga, Canoas e Porto Alegre). Além disso, em 2106, o caráter sindical da entidade foi reafirmado quando passou a se chamar Assufrgs Sindicato (Sindicato dos Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura de Porto Alegre, Canoas, Osório, Tramandaí, Imbé, Rolante, Eldorado do Sul, Guaíba, Viamão e Alvorada).

Para que essa memória não se apague, o CEDEM reúne documentações produzidas pelo sindicato, e pela federação (FASUBRA) como: cartas, convites, atas de reunião, pareceres, livros, fotos, projetos, boletins informativos, clipagens, etc.; esta documentação contém as vivências e saberes sindicais. O Cedem também disponibiliza narrativas dos filiados, que trazem a oralidade dessa memória que é o patrimônio da memória coletiva. Castells (2000), diz que é ainda pertinente à discussão sobre o oral e o escrito no contexto das sociedades (pós) modernas, pois esses dois domínios culturais desempenham um papel marcante na transmissão do saber, na forma como as sociedades constroem a sua memória coletiva e se reproduzem socialmente.

Halbawchs afirma que é impossível dissociar os efeitos ligados às representações da identidade individual daqueles relacionados às representações da identidade coletiva (CANDAU, 2019). Todo esse contexto faz parte da identidade dos TAEs. Candau afirma que “[...] memória e identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo”. (2019, p. 156).

A rememoração que é feita pelo Projeto Memória Assufrgs, evidencia o Patrimônio Cultural Imaterial que é a Identidade dos Servidores Técnico-Administrativos em Educação no tocante as práticas sindicais:

as assembleias, os atos de rua, a confecção do material de apoio, entre outros documentos e objetos dessa jornada histórica de lutas da classe trabalhadora.

IDENTIDADE, MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

O que é a memória para a sociedade senão a construção social e emocional e partir de lembranças. É do conjunto da personalidade de um indivíduo que a memória emerge como elemento importante para compreendermos a construção e reconstrução das identidades dos grupos sociais, e é nessa perspectiva que trabalha a identidade do Técnico-Administrativo em Educação.

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” (HALL, 2002, p. 110).

Os TAEs são um grupo social, ligado por relações de luta, mas também por relações afetivas, lembranças, pois estas pessoas se conhecem há anos, muitos TAEs são da mesma família, ou convivem entre famílias, frequentam as casas entre si. Logo, a memória coletiva está na base da construção da identidade. A memória pode ser entendida como processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de acontecimentos

marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo (CRUZ, 1993).

O trabalho de memória nunca é puramente individual, se ajusta a expressões coletivas. Halbwachs (2006) conceitua a memória enquanto fenômeno coletivo e com vínculo afetivo de mesmo grupo. Para ele a memória é sempre construída em grupo, mas também é sempre um trabalho do sujeito. Todas essas vivências identificam e diferenciam o grupo, o grupo de referência, não só pelo trabalho, mas pela forma como interagem. Este grupo de referência é um grupo pelo qual o indivíduo já faz parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e fundiu o seu passado (2006). “As lembranças são organizadas numa narrativa de memória. Essas pessoas entendem a relevância de narrativas na vida social do sindicato, mas as mesmas passam por saberes e histórias de vida não somente do sujeito da fala, como também da narrativa de uma vida” (RICOEUR, 2014). São indivíduos dotados de significado que não imaginam a riqueza que é o saber, saber fazer o movimento sindical, que para eles é um senso comum. Essa lembrança é contada e recontada para as gerações seguintes e é assim que a luta se refaz. Segundo Santos:

Indivíduos não se lembram por eles mesmos, isto é, para lembrarem, eles necessitam de lembranças de outros indivíduos, para confirmarem ou negarem suas lembranças, que por sua vez estão localizados em algum lugar específico no tempo e no espaço (SANTOS, 1998, p. 4).

O que torna essa lembrança presente e recorrente para o indivíduo, os espaços de memória. O espaço se define e traz sentido do cotidiano, das relações de trabalho e lazer, dos momentos de encontros e lutas. Colocando em relação às discussões da Geografia e da Filosofia, percebe-

se que o espaço é trabalhado pela memória e pela imaginação e, em virtude disso, articula-se imediatamente com as representações identitárias. É no *habitus* (de Bourdieu) que se projetam as lembranças de indivíduos e grupos, como sugere Bachelard (1974). E quais são esses espaços de memória? Todo e qualquer lugar que traga o processo de rememoração, o local onde as lembranças fiquem evidenciadas. Por exemplo, durante uma greve, sempre há o barracão (local onde se concentram os grevistas), o material de greve (bandeiras, faixas, panfletos, adesivos, etc.), e é também o local onde é feito o almoço coletivo, entre outras circunstâncias; este local é um “Espaço de Luta”. Outro espaço da luta bem evidente é a cidade de Brasília, no planalto central, ali obrigatoriamente é um local onde os TAEs vão reivindicar suas pautas, sejam salariais, ou pautas da educação superior. Esses locais trazem a identidade desse grupo, e a identidade nada mais é do que uma representação das origens, das convicções, dos valores e das práticas que se deseja apresentar consciente aos outros como sendo as características essenciais de uma pessoa, de um grupo.

Sendo assim, verifica-se a forte influência e necessidade desses espaços de memória nesse processo de construção e preservação de identidades, que está justaposta na noção de memória social, esta, por sua vez estabelece uma relação intrínseca com a noção de patrimônio cultural ao passo que desempenha papel fundamental e referencial da memória de um grupo. Nessa perspectiva, portanto, o patrimônio não apenas nos faz recordar o passado, mas prova sua relação direta com a memória, sendo esta responsável pelo processo de reconstrução dos fatos e períodos passados.

Mas o que é patrimônio? É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. Segundo a Unesco,

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (2006, p. 4)

O patrimônio define nossa identidade, faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re) memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. A memória social legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do patrimônio (MARTINS, 2011). Nesse contexto verifica-se a transcendência do patrimônio da materialidade das narrativas dos TAEs, na sua intangibilidade. O maior Patrimônio dos Técnico-Administrativos em Educação, é a Luta, a forma como se faz. Segundo Gonçalves (2009, p. 28) “A proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-los para verificar sua permanência e suas transformações”. Para corroborar esta narrativa, passamos ao percurso metodológico.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para dar conta do objetivo proposto, e como é uma pesquisa documental, a coleta dos dados foi feita a partir da consulta à base de dados do Centro de Documentação e Memória da ASSUFRGS para localizar os possíveis documentos. Como estes documentos se encontram em meio físico, foi necessário analisar, neste momento, somente uma amostra do corpo documental, que foi digitalizada para este estudo; já que neste período de pandemia o sindicato está fechado e em trabalho remoto. A busca na base de dados do CEDEM, priorizou localizar algum documento relativo às práticas sindicais, alguma informação constante em um manual ou uma ata de reunião. Por hora a busca não obteve sucesso, logo, o que foi observado é que a prática sindical, o “Fazer a luta sindical”, não possui manual específico; ela é organizada no cotidiano da necessidade de estar presente nas reivindicações da base dos trabalhadores da Assufrgs Sindicato. Em atas de reunião o que consta são encaminhamentos de textos para boletins, faixas, bandeiras, botons, convocação de assembleias. E esses encaminhamentos acontecem de forma natural, não há um regramento específico, é do senso comum, do *Habitus* (Bourdieu).

Para exemplificar o exposto, abaixo 4 exemplos de documentação existente no CEDEM.

do ano de 1925 e 1929. Se percebe que desde um período muito anterior à formação do sindicato, quando os trabalhadores do ensino superior se organizavam em um Cooperativa, existia a prática de assembleias periódicas e também a necessidade de divulgar essas reuniões publicamente. Naquela época essa divulgação foi feita através do jornal *A Federação*, que era um dos mais importantes periódicos de Porto Alegre, porta-voz do Partido Republicano Riograndense, que era um dos maiores jornais do estado durante os anos 1920. Para esse caso específico, a divulgação estava voltada para os trabalhadores da Escola de Engenharia, mas também podia ser vista por um público muito mais amplo que tinha acesso ao jornal.

Na Figura 3, a Ata de reunião plenária gestão 87 a 89. As atas costumam seguir um padrão formalmente utilizado em documentos desse tipo. E no conteúdo os mais diversos assuntos, desde tomadas de decisão do cotidiano administrativo, jurídico e financeiro do sindicato, inclusive há uma menção à alteração do Estatuto do Sindicato para aprimorar os setores dentro do próprio sindicato. Também encaminhamentos relativos às melhores condições de trabalho dos trabalhadores do âmbito da Universidade, por exemplo. Na Figura 4, um Boletim Informativo de março de 1986 convocando a categoria dos técnico-administrativos para uma assembleia com dia, horário, local e pautas definidas. Observa-se que ao longo dos anos a forma como se convocava uma assembleia era a mesma, o que mudava era a fonte publicadora.

Estas figuras demonstram o cotidiano da memória sindical, da forma como é realizada a luta sindical. Como o estudo ainda está em andamento, outros materiais ainda serão analisados e posteriormente divulgados os resultados.

Como faz parte de uma pesquisa em andamento sobre a memória sindical dos Técnico-Administrativos em Educação, ainda estão sendo levantados outros documentos da coleção para aprimorar e especificar o campo de estudo.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O CEDEM preserva a identidade do grupo, essa memória coletiva há tempos construída, um patrimônio cultural imaterial, porém muito relevante para a classe trabalhadora das Instituições Federais de Ensino Superior. Desta forma, a memória coletiva desses trabalhadores irá legitimar a identidade do grupo de referência, e para tal elaboração tornam o patrimônio como instrumento de validação. Nesse sentido conclui-se que, o patrimônio não apenas nos faz recordar o passado, mas, prova sua relação íntima com a memória, sendo esta responsável pelo processo de reconstrução dos fatos e períodos passados. De acordo com o objetivo proposto, algumas afirmativas podem ser consideradas, por ora - que não existe manual específico de procedimentos sindicais, a memória sindical é passada de geração em geração pela rememoração nos seus significados, sentidos e valores.

Considerando que a pesquisa ainda está em andamento, algumas questões ainda precisam ser apreciadas e melhor exploradas: quais são as narrativas que justificam a prática sindical como patrimônio?; quem são os responsáveis para que este patrimônio exista e se perpetue?; quais são as formas das práticas sindicais? Reflexões necessárias.

O sindicalismo é um processo histórico e dinâmico e que depende dos indivíduos e do grupo para que se perpetue. O que demonstra que publico ou privado teremos trabalhadores incansáveis na luta, mesmo

nos períodos mais duros da história com embates cotidianos, defasagem salarial e falta de perspectivas para a melhoria das condições de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ASSUFGRS. **Memória Assufgrs**. Disponível em: <http://memoria.assufgrs.org.br/>. Acesso em: 07 maio de 2021.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: _____. **Os pensadores XXXVII**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- CANAU, JOEL. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CATROGA, **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BPpIIQCeRWei1ZSko1Y1F4WGc/view?usp=sharin>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.
- HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 29-70. Disponível em: https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4359772/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.
- MARTINS, Sara D. Teixeira. **A Memória de um Lugar: discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa**. Dissertação de mestrado em Antropologia. ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3674/1/Tese%20Mestrdo%20Sara.pdf> Acesso em 10 de fev. 2021.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13 n. 38, 16p., out. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38myrian.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2021.

SCIFONI, Simone. Lugares de memória operária na metrópole paulistana. *GEOSUP – espaço e tempo*. São Paulo, n.33, p. 98-110, 2013.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. (Paris, 17 de outubro de 2003, tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores). Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.